



INSTRUÇÕES

1. Confira, abaixo, seu nome e número de inscrição. Assine no local indicado.
2. Aguarde autorização para abrir o caderno de prova.
3. A interpretação das questões é parte do processo de avaliação, não sendo permitidas perguntas aos Fiscais.
4. Esta prova é composta por questões de múltipla escolha, com **somente uma alternativa correta**.
5. Ao receber a folha de respostas, examine-a e verifique se os dados nela impressos correspondem aos seus. Caso haja alguma irregularidade, comunique-a imediatamente ao Fiscal.
6. Transcreva para a folha de respostas o resultado que julgar correto em cada questão, preenchendo o retângulo correspondente com caneta de tinta preta.
7. Na folha de respostas, a marcação de mais de uma alternativa em uma mesma questão, rasuras e preenchimento além dos limites do retângulo destinado para cada marcação anulam a questão.
8. Não haverá substituição da folha de respostas por erro de preenchimento.
9. Não serão permitidas consultas, empréstimos e comunicação entre os candidatos, tampouco o uso de livros, apontamentos e equipamentos, eletrônicos ou não, inclusive relógio. O não-cumprimento dessas exigências implicará a exclusão do candidato deste Concurso.
10. Ao concluir a prova, permaneça em seu lugar e comunique ao Fiscal. **Aguarde autorização para devolver, em separado, o caderno de prova e a folha de respostas, devidamente assinados.**
11. O tempo para o preenchimento da folha de respostas está contido na duração desta prova.

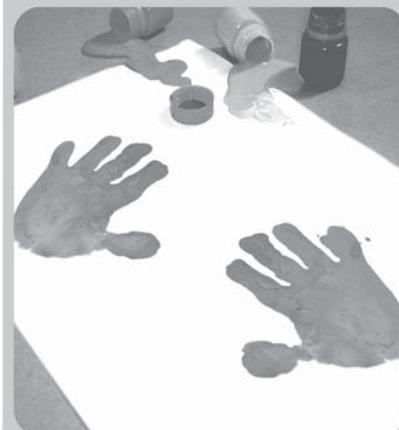
DURAÇÃO DESTA PROVA: 4 HORAS



3

HISTÓRIA

LÍNGUA PORTUGUESA
LITERATURA BRASILEIRA
LITERATURA PORTUGUESA



SALA

NÚMERO DE INSCRIÇÃO

NOME DO CANDIDATO

ASSINATURA DO CANDIDATO

HISTÓRIA

01- Marcial, escritor que viveu no século I depois de Cristo, tornou-se conhecido pela escrita de epigramas, dirigidos a vários personagens do Período Imperial Romano, sempre em tom jocoso e crítico. “Porque lho saúdo, agora, pelo seu nome, quando, antes, lhe chamava de ‘rei’ e ‘senhor’, não me chame de insolente: comprei meu solidéu da liberdade à custa de todos os meus bens. ‘Reis’ e ‘senhores’ deve ter alguém que não possui a si mesmo e que cobiça aquilo que os reis e os senhores cobiçam. Se você pode suportar não ter um escravo, Olo, pode, também, agüentar não ter um rei.” (MARCIAL apud FUNARI, Pedro Paulo Abreu. *Antigüidade Clássica. A História e a Cultura a partir dos Documentos*. Campinas: Editora da Unicamp, 1995. p. 132.)

Com base no epigrama, é correto afirmar:

- O escritor demonstra que, no Período Imperial Romano, as relações entre escravos e senhores eram harmônicas.
- Marcial reconhece que viver na pobreza era melhor que a condição de escravo, o que denota ser a liberdade um valor fundamental no Período Imperial Romano.
- Marcial reverencia os senhores romanos, o que expressa a inexistência de qualquer forma de insulto entre categorias sociais distintas.
- Para Marcial a estrutura social existente à época tornava os escravos indiferentes à luta pela liberdade.
- Para Marcial obter a liberdade com a venda de seus bens pessoais é uma atitude insolente.

02- Os homens da Europa Medieval produziram um conjunto relevante de obras artísticas. Observe a seguir uma representação da arquitetura românica.



(Igreja de Santo Ambrósio em Milão. In: CONTI, Flávio. *Como reconhecer a arte românica*. Lisboa: Edições 70, s. d. p. 8.)

Sobre as características do estilo românico, analise as afirmativas a seguir.

- Quanto mais ampla a abóbada, tanto mais maciças deveriam ser as paredes para sustentá-la.
- Paredes espessas, arcos arredondados e tetos das naves centrais que deixaram de ser de madeira, estão presentes de modo marcante.
- Na fachada principal e nas do transepto estão os pórticos monumentais, encimados por uma rosácea, uma ou duas galerias de estátuas e duas torres.
- O interior da edificação românica era escassamente iluminado, devido à impossibilidade da abertura de grandes janelas nas paredes sem enfraquecê-las.

Estão corretas apenas as afirmativas:

- I e II.
- I e III.
- III e IV.
- I, II e IV.
- II, III e IV.

03- “Em finais do séc. IX surge na literatura medieval, para se espalhar no século XI e até tornar-se um lugar comum no século XII, um tema que descreve a sociedade dividida em três categorias ou ordens. As três componentes desta sociedade tripartida são segundo a forma clássica de Adalberon de Laon do séc XI: oratores, bellatores, laboratores.” (LE GOFF, Jacques. *Para um novo conceito de Idade Média*. Lisboa: Editorial Estampa, 1979.)

Com base no texto e nos conhecimentos sobre a estrutura social da Idade Média, é correto afirmar:

- Na estrutura tripartida, o conjunto dos homens livres subsistia sem seus servos.
- Os oratores, pertencentes à ordem clerical, recusavam qualquer pagamento pelos seus préstimos, pois a sua vocação era meramente combater.
- A atividade religiosa, o prestígio militar e a incumbência da produção eram, respectivamente, elementos constitutivos das três ordens no medievo.
- Os bellatores tinham a responsabilidade de produzir alimentos para as outras duas ordens.
- Os laboratores constituíam uma camada social marcada pelo distanciamento das atividades ligadas à terra e ao pastoreio de animais.

04- Nos textos a seguir, o escrivão da frota cabralina, Pero Vaz de Caminha, e o poeta Olavo Bilac apresentam imagens simbólicas do Brasil.

“Esta terra, senhor, [...] De ponta a ponta é toda praia redonda... muito chã e muito formosa. Pelo sertão, nos pareceu, vista do mar, muito grande; porque a estender d’olhos, não podíamos ver senão terra com arvoredos, que nos parecia muito longa. [...] a terra em si é de muito bons ares, assim frios e temperados como os de Entre-Douro e Minho. [...] As águas são muitas; infundas. E em tal maneira é graciosa que, querendo aproveitá-la, tudo dará nela, por causa das águas que tem.” (CAMINHA apud CASTRO, Silvío. *A carta de Pero Vaz de Caminha: o descobrimento do Brasil*. 2.ed. São Paulo: L&PM Editores, 1987. p. 97-98.)

“Ama com fé e orgulho a terra em que nascestes!

Criança, jamais verás país como este!

Olha que céu, que mar que floresta!

A natureza, aqui perpetuamente em festa,

É um seio de mãe a transbordar carinhos.”

(Olavo Bilac apud CHAUI, Marilena. O mito fundador do Brasil. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 26 mar. 2000. Caderno Mais!, p. 10.)

Com base nos textos, assinale a alternativa que apresenta a compreensão dos autores sobre o Brasil.

- Tanto para Caminha quanto para Bilac, a imensa e esplendorosa natureza do Brasil constitui-se em um elemento negativo, já que a imagem de perigo sobrepõe-se à de Paraíso.
- A presença de elementos míticos do Paraíso Terrestre restringe-se à descrição de Caminha, pois no poema de Bilac a nossa identidade e grandeza desligam-se do plano natural.
- A descrição de Caminha sobre a natureza inaugurou uma visão do Brasil associada ao mito do Paraíso Terrestre, visão essa que permaneceu no poema de Bilac num tom ufanista.
- Tanto o escrivão quanto o poeta construíram imagens do Brasil em desarmonia com sua natureza, defendendo que somente a extensão territorial era digna de destaque.
- As imagens simbólicas criadas por Olavo Bilac para representar o Brasil estão dissociadas das de Pero Vaz de Caminha, visto que com o fim do período da colonização encerra-se a demanda pela construção de um mito fundador do país.

05- Em termos demográficos a conquista da América pelos espanhóis revelou-se uma tragédia. A esse respeito, vários autores destacam o caso do México Central, afirmando que entre os séculos XVI e XVII ocorreu uma dizimação das populações indígenas. Vários fatores contribuíram para esse genocídio. Sobre eles, considere as afirmativas a seguir.

- I. Foi decisiva a ação dos espanhóis na desocupação das terras dos nativos, visando à exploração agrícola extensiva aos moldes europeus do período.
- II. Um fator importante foi a intensa utilização da mão-de-obra indígena na construção das cidades e no processo de mineração.
- III. Foi fundamental a profunda alteração efetuada pelos europeus no sistema produtivo e cultural das populações ameríndias, que levou fome e doenças às comunidades.
- IV. A crise demográfica foi influenciada pela disseminação entre os membros das comunidades indígenas de atitudes como suicídio, infanticídio, abortos e abstinência sexual entre os casais.

Estão corretas apenas as afirmativas:

- a) I e II.
- b) I e III.
- c) III e IV.
- d) I, II e IV.
- e) II, III e IV.

06- “Apesar dos diferentes níveis do sucesso nas capitâneas, a política básica dos jesuítas foi a mesma em todo o Nordeste. Opondo-se à escravização do gentio, eles realizaram um programa de catequização nos pequenos povoados ou aldeias, onde tanto os grupos tribais locais quanto os índios trazidos do sertão pudessem receber instrução e orientação espiritual. Os índios eram educados para viver como cristãos, conceito que incluía não só a moralidade, mas também os hábitos de trabalho dos europeus.” (SCHWARTZ, Stuart. *Segredos internos: engenhos e escravos na sociedade colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 48.)

Com base no texto e nos conhecimentos sobre a política jesuítica implementada no Nordeste brasileiro durante os séculos XVI e XVII, é correto afirmar:

- a) A defesa de uma política de catequização para as populações nativas revela o respeito dos jesuítas à cultura indígena, distanciando-se dos colonizadores que a concebiam como bárbara e inferior.
- b) A atuação dos jesuítas foi decisiva para a manutenção das formas tradicionais de trabalho presentes nas comunidades indígenas.
- c) Embora houvesse discordância entre jesuítas e colonos, ambos respeitaram as diferenças entre os grupos étnicos nativos e atuaram na pacificação das relações intertribais.
- d) A ação dos jesuítas fundou-se no trabalho de catequização, que requereu a destribalização e conversão dos gentios ao catolicismo, práticas tão desintegradoras da cultura indígena quanto a escravização.
- e) Os jesuítas, ao manterem alguns princípios essenciais das comunidades indígenas, como a poligamia e o canibalismo ritual, obtiveram a conversão integral dos gentios ao cristianismo.

07- Na Europa moderna, entre os séculos XV e XVIII, as festas como: o Solstício de Verão, o Ano Novo, o dia de Reis, o Carnaval e as festas dos Santos padroeiros, eram ocasiões especiais em que as pessoas paravam de trabalhar, comiam e bebiam para comemorar e se divertir. Sobre essas festas, é correto afirmar:

- a) Para as sociedades européias, as ocasiões de festas eram momentos que serviam para reforçar o comportamento de economia cuidadosa, evitando-se desperdícios de alimentos, bebidas e vestimentas.

- b) Nas festas, a participação de nobres e plebeus, ricos e pobres, reis e súditos, possibilitava uma inversão de papéis e a crítica momentânea à estrutura social da época.
- c) O ato de profanar e insultar as autoridades reais e religiosas estava ausente das festividades, que eram ocasiões marcadas pela moderação dos participantes.
- d) As festas populares da Europa moderna, especialmente o Carnaval, estiveram dissociadas do aumento da transgressão social.
- e) A comemoração e os ritos presentes nas festas apontam claramente para a separação entre a “cultura popular” e a “cultura erudita” existente à época.

08- Observe as imagens a seguir.

Em razão do recrutamento ainda veremos os homens metidos no mato.



E os bichos habitando a cidade.



(AGOSTINI, Ângelo. Cabrião, 15 set. 1867. In: *Cabrião: semanário humorístico: 1866-1867*. 2.ed. São Paulo: Unesp, 2000. p. 392.)

Com base nas imagens e nos conhecimentos sobre a política de recrutamento no Brasil na época da Guerra do Paraguai (1864-1870), assinale a alternativa que remete à interpretação de Ângelo Agostini sobre o tema.

- a) O autor enfatiza a harmonia presente na política de recrutamento para a Guarda Nacional, a qual obteve o apoio do conjunto da população brasileira, que se dispôs a ser “Voluntário da Pátria”.
- b) Os desenhos de Agostini constituem-se numa exaltação ao patriotismo, pois conclamam à adesão de todos os brasileiros para lutar contra o Paraguai.
- c) O traço caricatural nos desenhos do autor denota o seu vínculo com a imprensa monárquica, que buscava mobilizar a população usando de estratégias humorísticas.
- d) Ao compor uma situação imaginária da paisagem brasileira, Agostini afasta-se da realidade apresentada pelos desdobramentos da Guerra do Paraguai no cotidiano da época.
- e) Agostini apresenta uma caricatura do cenário político brasileiro que remete à Guerra do Paraguai, período no qual as populações livres pobres são aterrorizadas com o recrutamento forçado.

09- “A natureza não faz nada verdadeiramente supérfluo e não é perdulária no uso dos meios para atingir seus fins. Tendo dado ao homem a razão e a liberdade da vontade que nela se funda, a natureza forneceu um claro indício de seu propósito quanto à maneira de dotá-lo. Ele não deveria ser guiado pelo instinto, ou ser provido e ensinado pelo conhecimento inato, ele deveria, antes, tirar tudo de si mesmo.” (KANT, Immanuel. *Idéia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita*. São Paulo: Brasiliense, 1986. p. 12.)

O texto do filósofo alemão Immanuel Kant (1724-1804) é representativo do Iluminismo, movimento inspirador das revoluções burguesas dos séculos XVIII e XIX. Baseado nele, é correto afirmar que o Iluminismo tinha como um de seus fundamentos:

- A crença na superioridade e na providência divina, que regula todos os acontecimentos no mundo dos homens.
 - A luta pela implantação de regimes democráticos baseados no ideário da Contra-Reforma católica.
 - O reconhecimento da desigualdade natural dos homens, que legitimava a escravidão no período em que viveu o filósofo.
 - A confiança na racionalidade e a convicção do papel dos homens como sujeitos autônomos, estimulando movimentos por mudanças em todas as esferas sociais.
 - A certeza da incapacidade dos homens de se autogovernarem, exigindo a reprodução do modelo da tutela do Estado Monárquico.
- 10- “[...] Nas grandes fazendas de café, [...] a maior parte dos escravos se ocupava do serviço de roça. Esse era o trabalho de José, embora tivesse, depois da sua chegada, aprendido alguma coisa de carpintaria. [...] Não demorou muito José percebeu que os ritmos do trabalho não tinham somente os sons do chicote e da gritaria imposta pelos feitores. Aprendeu e logo se animava com os vissungos, cantigas africanas. Sob formas de versos cifrados, repetidos refrões e com significados simbólicos, também serviam como senhas, por meio das quais resenhavam suas vidas e expectativas e mesmo avisavam uns aos outros sobre a aproximação de um feitor. O ‘ngoma’ – como diziam – podia estar perto. A despeito da violência e péssimas condições, tentar definir alguns sons e ritmos do trabalho era uma face fundamental da organização de suas próprias vidas escravas.” (GOMES, Flávio. O cotidiano de um escravo. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 24 ago. 2003. Caderno Mais!, p. 9.)

Com base no texto e nos conhecimentos sobre a escravidão no Brasil, assinale a alternativa que interpreta de maneira adequada as estratégias presentes no cotidiano dos escravos.

- Entre os escravos, formas de comunicação e sociabilidade alternativas foram eliminadas pelo uso constante da violência e da vigilância dos senhores.
- O escravo africano redefinia sua identidade social reagindo contra a alienação imposta pela cultura do trabalho baseada na escravidão.
- Ao utilizar cantigas africanas para amenizar o trabalho árduo, os escravos criaram estratégias simbólicas dissociadas da resistência, já que esta última se reduzia à formação dos quilombos.
- A condição do escravo como simples instrumento de trabalho para lavrar a terra impossibilitou a negociação de relações sociais diferenciadas como, por exemplo, o aprendizado de outros ofícios.
- A comunicação por meio de sinais durante o trabalho limitava-se a evitar os castigos corporais, sendo irrelevante para a constituição de uma identidade social entre os escravos.

11- **O debate em torno da política imigratória fez-se presente no Brasil antes da Independência política, acirrando-se em 1850 com a proibição do tráfico negreiro. Sobre os diferentes posicionamentos diante do tema da imigração no período, leia o texto a seguir.**

“Determinados a consolidar a grande propriedade e a agricultura de exportação, os fazendeiros e o grande comércio buscavam angariar proletários de qualquer parte do mundo, de qualquer raça, para substituir, nas fazendas, os escravos mortos, fugidos e os que deixavam de vir da África. Preocupados, ao contrário, com o mapa social e cultural do país, a burocracia imperial e a intelectualidade tentavam fazer da imigração um instrumento de ‘civilização’, a qual, na época, referia-se ao embranquecimento do país [...]” (ALENCASTRO, Luiz Felipe de; RENAUX, Maria Luiza. *Caras e modos dos migrantes e imigrantes*. In: NOVAIS, Fernando (org.). *História da vida privada no Brasil 2*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 293.)

Com base no texto e nos conhecimentos sobre política imigratória no Brasil, é correto afirmar:

- Embora houvesse divergências entre fazendeiros e burocracia imperial quanto à forma de conceber a imigração, ambos concordavam que os asiáticos constituíam a nacionalidade que melhor se adequaria ao projeto de civilizar o país.
- Na segunda metade do século XIX, o tema da imigração ocupou espaço restrito no cenário sociopolítico e econômico brasileiro, motivo pelo qual deixou de ser incorporado pela imprensa brasileira da época.
- Para os fazendeiros, a imigração significava a continuidade do latifúndio exportador, enquanto para os altos funcionários acenava para a oportunidade tão esperada de “civilizar” o conjunto da sociedade.
- O debate sobre a nacionalidade distanciava-se da discussão sobre a imigração, o que tornava insignificante a origem dos imigrantes para o conjunto do pensamento político brasileiro.
- No debate sobre a imigração, os fazendeiros, especialmente os cafeicultores paulistas, defendiam a formação de núcleos coloniais que possibilitassem a reconstrução da identidade cultural dos imigrantes.

12- **Os textos a seguir apresentam leituras sobre o contexto do fim da escravidão no Brasil.**

[...] No Brasil a decretação da lei que pôs fim a essa chaga secular – a escravidão – foi uma festa de fraternidade, que lembra os entusiasmos das festas com que a França toda se irmanou a 14 de julho e que inspiraram Michellet. [...] Entre nós não houve necessidade de uma luta entre irmãos, de armas em punho, levantados uns em nome do interesse da rotina agrícola, erguidos outros à sombra de um lábaro, que traía seus interesses egoísticos de sociedade industrial precisado de braço livre e branco. [...]” (*O Paiz*, 13 maio 1908, citado por HONORATO, César Teixeira; OLIVEIRA, Newton Cardoso de. In: COGGIOLA, Osvaldo (org.). *A revolução francesa e seu impacto na América Latina*. São Paulo: Edusp, 1990. p. 340.)

[...] O abolicionismo se fez num ambiente de violência, de revoltas locais de quilombos, num movimento de ameaça à ordem pública e que marcou profundamente a política brasileira com relação à cidadania, por isso este é um momento de retração dos votos, de crise da cidadania urbana, há o motim dos vinténs, o radicalismo urbano no Rio de Janeiro, o movimento de revolta dos funcionários públicos contra o selo, contra o aumento das passagens do bonde, enfim, um clima de comícios populares, com o começo do movimento operário no Rio de Janeiro, que se confunde muito com o abolicionismo na sua tangente mais revolucionária.” (DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *A Revolução Francesa e o Brasil: sociedade e cidadania*. In: COGGIOLA, Osvaldo (org.). *A revolução francesa e seu impacto na América Latina*. São Paulo: Edusp, 1990. p. 305.)

Com base nos textos, assinale a alternativa que apresenta a compreensão do editorial do jornal *O Paiz* e da historiadora Maria Odila Dias sobre o contexto do abolicionismo no Brasil.

- a) A historiadora analisa o abolicionismo restringindo-o às condições do mundo escravo e desconsiderando a importância do contexto urbano para a compreensão desse movimento.
- b) Tanto para o editorial quanto para a historiadora, as discussões em torno do abolicionismo no Brasil ocorreram dentro de um contexto em que se destaca a ausência de conflitos sociais expressivos.
- c) O editorial do jornal ressalta que, no Brasil, os interesses dos setores vinculados ao estabelecimento da mão-de-obra livre estiveram ausentes da campanha abolicionista.
- d) No texto da historiadora percebe-se a preocupação em elaborar uma memória para o abolicionismo com ênfase na participação de grandes personagens reconhecidos pela história oficial.
- e) A diferença de abordagem sobre o abolicionismo, presente nos textos, revela no editorial do jornal o viés conciliador que contribuiu para que o país fosse um dos últimos a decretar o fim do trabalho escravo.

13- Leia os textos a seguir.

“Estando com apenas quatorze anos, em Paris, onde nasci, eu já tinha visto o surgimento do telefone, do avião, do automóvel, da eletricidade doméstica, do fonógrafo, do cinema, do rádio, dos elevadores, dos refrigeradores, do raio-x, da radioatividade e, ademais, da moderna anestesia.” (Raymond Loewy apud SEVCENKO, Nicolau. *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 3, p. 10.)

“[...] A economia capitalista era, e só podia ser, mundial. Esta feição global acentuou-se continuamente no decorrer do século XIX, à medida que estendia suas operações a partes cada vez mais remotas do planeta e transformava todas as regiões cada vez mais profundamente. Ademais, essa economia não reconhecia fronteiras, pois funcionava melhor quando nada interferia no livre movimento dos fatores de produção.” (HOBBSAWM, Eric. *A era dos impérios*. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p. 66.)

Comparando os diferentes olhares, do narrador Raymond Loewy e do historiador Eric Hobsbawm, é correto afirmar:

- a) Na condição de testemunha das transformações tecnológicas, o narrador acentua o seu caráter inovador, enquanto o historiador enfatiza o caráter expansionista e internacionalista do capitalismo.
- b) As citações revelam a preocupação dos autores com os impactos maléficos das indústrias químicas, com o desenvolvimento da medicina e com o controle da natalidade e das moléstias.
- c) O olhar do narrador é determinado pelo distanciamento em relação às mudanças, enquanto o historiador percebe as transformações ao seu redor de forma emocional e alheia aos desdobramentos econômicos, políticos e sociais.
- d) Para ambos, o progresso decorrente das transformações tecnológicas iguala as economias mundiais e preserva o modo de vida das sociedades tradicionais.
- e) Para o historiador, as transformações tecnológicas representam uma barreira ao fortalecimento da economia capitalista, enquanto para o narrador, contribuem para manter inalteradas as formas de intimidade e lazer.

14- Durante o Estado Novo, o governo de Getúlio Vargas foi marcado por fértil produção de materiais como cartilhas, cartazes, filmes e pela prática de grandes espetáculos comemorativos. Sobre o significado da propaganda política na ditadura estadonovista, é correto afirmar:

- a) Constituiu um dos pilares do Estado Novo, pois ao disseminar imagens e símbolos que valorizavam as ações do governo teve como alvo buscar o apoio popular e a legitimidade junto às massas, assegurando assim o controle social.
- b) Expressou a preocupação de Vargas em associar o seu governo ao passado nacional, já que a utilização de símbolos da “República Velha” era recorrente e difundia a ideia de continuidade.
- c) A propaganda política do Estado Novo veiculou mensagens que objetivavam consolidar o ideal de um trabalhador orientado por uma consciência de classe e reivindicativo quanto a seus interesses.
- d) A veiculação de imagens e símbolos enaltecendo a figura de estadista de Vargas dificultou a visualização dessa liderança política como “pai dos pobres”.
- e) O objetivo central da propaganda política no Estado Novo era explicitar para a sociedade a existência das tensões e conflitos, indicando ser a luta de classes o caminho para a construção de uma sociedade coesa.

15- “A verdade é que os líderes totalitários, embora estejam convencidos de que devem seguir consistentemente a ficção e as normas do mundo fictício estabelecidas durante a luta pelo poder, só aos poucos descobrem toda a implicação desse mundo irreal e de suas normas. A fé na onipotência humana e a convicção de que tudo pode ser feito através da organização leva-os a experiências com que a imaginação humana pode ter sonhado, mas que a atividade humana nunca realizou.” (ARENDETT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 486.)

Com base no texto e nos conhecimentos sobre os regimes totalitários (nazismo e stalinismo), é correto afirmar:

- a) Os regimes totalitários consistem numa forma de opressão política idêntica ao despotismo e à ditadura, o que torna imprecisa a afirmação de que o totalitarismo é uma modalidade específica de governo.
- b) Por ser artificialmente fabricado, o carisma dos líderes totalitários constituiu um instrumento pouco eficaz para a adesão da coletividade às suas propostas.
- c) Tanto o nazismo quanto o stalinismo operaram com o imaginário social, recorrendo ao “terror imaginário” para conseguir a participação entusiástica da população.
- d) A concepção de poder do totalitarismo se apropria mais das suas potencialidades econômicas do que da força das suas organizações de massa, aspecto que coloca em segundo plano a fé num mundo idealizado e fictício.
- e) O emprego do terror direcionado a segmentos específicos da sociedade (judeus, ciganos etc.) evitou que o cotidiano da população em geral fosse impregnado pela insegurança e pela impotência durante a vigência do totalitarismo.

16- “[...] O capitalismo contemporâneo é mundial e integrado porque potencialmente colonizou o conjunto do planeta, porque atualmente vive em simbiose com países que historicamente pareciam ter escapado dele (países do ex-bloco soviético e China) e porque tende a fazer com que nenhuma atividade humana, nenhum setor de produção fique fora de seu controle. [...] O capitalismo mundial integrado não respeita mais os modos de vida tradicional do que os modos de organização social dos conjuntos nacionais que parecem estar melhor estabelecidos. [...]” (GUATTARI, Felix. *Revolução molecular: pulsações políticas do desejo*. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 211.)

Com base no texto e nos conhecimentos sobre a globalização e seus efeitos, é correto afirmar:

- a) A economia do mundo globalizado privilegia relações de mercado vinculadas à dinâmica da acumulação flexível do capital.
- b) O conhecimento científico reafirma cotidianamente a sua autonomia e independência em relação aos efeitos da globalização.
- c) A globalização manteve a tradicional divisão social do trabalho capitalista fundada à época da revolução industrial na Inglaterra.
- d) A lógica do mercado globalizado fortalece as organizações representativas dos trabalhadores, que resistem com sucesso à desestruturação do mundo do trabalho.
- e) Os sistemas produtivos dos países emergentes protegem-se dos dissabores do mercado, estabelecendo cotas para os seus produtos exportáveis.

17- **“Quem não se comunica se trumbica!” Esse era o bordão utilizado por um apresentador de programa de auditório muito popular da televisão brasileira. A forma de comunicação projetada pela TV exerce um importante papel no cenário nacional, via de regra reafirmando diferenças regionais, sociais e culturais. Sobre a presença da televisão no Brasil, considere as afirmativas a seguir.**

- I. **A base dos programas de televisão, bem como a experiência de seus primeiros artistas, sofreu a influência precursora do rádio, que tinha uma significativa penetração popular.**
- II. **Pela sua estreita vinculação com o regime instaurado no golpe militar de 1964, as emissoras de TV foram poupadas da censura política em suas programações.**
- III. **Desde os primeiros programas televisivos da década de cinquenta a presença do negro mereceu destaque na programação, tendo como objetivo questionar o preconceito racial.**
- IV. **O fato de a televisão ser o principal canal de entretenimento para a maioria da população brasileira não assegura o compromisso das emissoras com a qualidade da programação.**

Estão corretas apenas as afirmativas:

- a) I, II e III.
- b) II, III e IV.
- c) I e III.
- d) I e IV.
- e) II e IV.

18- **“Caminhando contra o vento / Sem lenço sem documento / No sol de quase dezembro / Eu vou / [...] Por entre fotos e nomes / Sem livro e sem fuzil / Sem fome sem telefone / No coração do Brasil / Ela nem sabe até pensei / Em cantar na televisão / O sol é tão bonito / Eu vou / Sem lenço sem documento / Nada no bolso ou nas mãos / Eu quero seguir vivendo amor.” (Caetano Veloso, Música “Alegria Alegria”.)**
Com base na letra da canção e nos conhecimentos sobre o tropicalismo, é correto afirmar:

- a) Ao criticar a sociedade por meio da construção poética, a canção questiona determinada concepção de esquerda dos anos 1960.
- b) A letra da canção mostra que os tropicalistas usavam a arte como instrumento para a tomada do poder.
- c) Ao valorizar a aproximação com a mídia os tropicalistas colocaram num plano secundário a qualidade estética de suas canções.
- d) Para o tropicalismo as transformações sociais precedem as mudanças ocorridas no plano subjetivo.
- e) A letra da canção enfatiza temas sociais e revela o engajamento do autor na resistência política armada.

19- “[...] a técnica ‘áudio-animatrônica’ constituía um dos maiores motivos de orgulho de Walt Disney, que finalmente conseguira realizar o próprio sonho, reconstruir um mundo de fantasia mais verdadeiro que o real, destruir a parede da segunda dimensão, realizar não o filme, que é ilusão, mas o teatro total, e não com animais antropomorfizados, mas com seres humanos. [...] De fato os autômatos da Disney são obras-primas de eletrônica [...], verdadeiros e autênticos computadores em forma humana, revestidos no fim de ‘carne’ e ‘pele’ realizadas por uma equipe de artesãos de incrível perícia realística.” (ECO, Umberto. *Viagem na irrealidade cotidiana*. 9.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s. d. p. 57.)

Sobre a inserção social do “mundo de fantasia” de Walt Disney, é correto afirmar:

- a) Nos parques da Disneylândia, o aparato utilizado para a montagem e integração de seus visitantes aos cenários temáticos impõe obstáculos à reprodução da sociedade de consumo.
- b) O uso de autômatos humanos demonstra muito mais a preocupação dos parques com a reprodução da fantasia que da realidade, característica que leva o visitante a aderir à cena teatral de forma irrefletida.
- c) A incorporação às paisagens fictícias possibilita ao visitante, na condição de espectador, manter um distanciamento dos cenários.
- d) Na Disneylândia o recurso à técnica ocupa um lugar secundário, pelo fato de as paisagens reais aguçarem a imaginação mais que as paisagens fictícias.
- e) A natureza fictícia da Disneylândia faz dela um mundo alheio à realidade norte-americana, o que impossibilita qualquer vínculo entre a reprodução da fantasia e o mundo real.

20- Observe as imagens a seguir.

Imagem 1



Disponível em: <<http://www.embaixadaamericana.org.br/iraq/04095.php>>. Acesso em: 07 dez. 2003.

Imagem 2



Disponível em: <<http://www.vermelho.org.br/diario>>. Acesso em: 07 dez. 2003.

A imagem 1 refere-se à derrubada de uma estátua do ditador iraquiano Saddam Hussein, ocorrida no centro de Bagdá, em 9 de abril de 2003. A imagem 2 mostra a derrubada de uma estátua improvisada do presidente norte-americano, George W. Bush, em uma praça no centro de Londres, durante um protesto de mais de 100.000 pessoas, organizado pela coalizão “Stop the War” (Pare a Guerra), em 20 de novembro de 2003.

Com base nas imagens, considere as afirmativas a seguir.

- I. O protesto contra George W. Bush constrói uma paródia da derrubada da estátua de Saddam Hussein, objetivando caracterizar satiricamente os dois personagens como politicamente semelhantes.
- II. Os dois eventos demonstram como a recorrência da simbologia atribuída aos monumentos constitui um elemento importante do discurso político contemporâneo.
- III. O fato de a estátua de Saddam Hussein ser um verdadeiro monumento e a de George W. Bush ser alegórica torna impossível estabelecer analogias entre os dois episódios.
- IV. As duas imagens revelam atitudes de vandalismo nos protestos contra Saddam Hussein e George W. Bush, o que retira a legitimidade dessas ações como mobilizações políticas autênticas.

Estão corretas apenas as afirmativas:

- a) I, II e III.
- b) II, III e IV.
- c) I e II.
- d) I e IV.
- e) III e IV.

LÍNGUA PORTUGUESA
LITERATURA BRASILEIRA
LITERATURA PORTUGUESA

As questões 21 e 22 referem-se à crônica de Rubem Braga.

Uma senhora de sorriso triste

De uma senhora, amigos me contaram um gesto, que, nem por ser de desdém, deixa de ser de justiça. Trata-se de bela senhora, que, em tempos idos, brilhou em todas as cerimônias e festins. Era natural que assim fosse, posto que se casara com um alto personagem, e mais ainda por ser dama de elegância, formosura e espírito.

Certa mudança das coisas, que houve há tempos, pôs abaixo o alto personagem. Não apenas ele deixou de ser alto como até de ser personagem; ficou sendo apenas um vago, obscuro espectador. Sua senhora também mergulhou, companheira fiel, na penumbra desse ostracismo; seu perfil já não era visto nas revistas de luxo; seu nome quase já se não dizia, nem ouvia. Encontrei-a, nesses tempos, em casa de amigos comuns, e sucedeu que me sentei a seu lado. E, a certa altura, ela me confessou sua melancolia. Sentia-se velha e triste. Sem nenhum esforço, nem favor, eu disse que a achava bela, e bem. Cuidei ouvir-lhe um suspiro. Interpretei-o a meu modo, pensando: “A esta senhora o que lhe falta não é a beleza, nem mocidade, nem conforto; afinal, em um mundo de tantas aflições e carências, a vida lhe é sossegada e doce. Mas os galanteios e lisonjas, os sorrisos e as palavras finas, tudo isso ela teve, e não tem mais. Tudo isso lhe faz falta como à flor a brisa fresca, o sol e o ar da loura manhã. Sem esse alimento aéreo e imponderável, mas costumado, ela se fana, e murcha.”

Pois a roda da fortuna vem agora colocar outra vez esse casal na luz. Outro dia foi o aniversário da bela dama; e então à sua casa chegaram cestas de flores, e mimos, afetuosas mensagens. O que me contaram é que a senhora olhou tudo aquilo com os olhos frios e um sorriso triste. Sentou-se à mesa e passou os olhos pelos cartões e telegramas que recebera, um a um. Separou apenas dois ou três: os que, todo ano, através de um lustro de ostracismo, continuara a receber; e só a esses agradeceu. Chamou a criada e lhe indicou com um gesto as flores dos amigos novos, ou ressuscitados, e lhe disse apenas: “Isso é para você.”

Não sei se a história é verdadeira, pois hoje contam muitas, e algumas falsas. Mas é uma fábula dos tempos. Pareceu-me valer a pena contá-la; não para fazer agrados a essa senhora, que deles não precisa, e, como ficou visto, nem mais os quer; mas para edificação de outras que um dia possam mergulhar nessas melancolias. Que elas recebam estas linhas como se fossem flores, ainda que tristes. São, creio bem, as primeiras que lhes mando. Aceitem-nas, pois podem não ter muitas nesses tempos que vão vir.

(BRAGA, Rubem. *Um cartão de Paris*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1977. p. 33-35.)

21- Com base na crônica “Uma senhora de sorriso triste”, de Rubem Braga, é correto afirmar:

- a) Trata-se de uma história em que predomina o diálogo do “eu” do cronista com a personagem feminina, com quem ele teve um romance.
- b) Trata-se de uma história inventada pelo cronista, como podem comprovar as duas primeiras frases do último parágrafo.

- c) Trata-se de um texto que focaliza uma personagem em dois momentos: antes e depois do casamento, fatal para suas ambições sociais.
- d) Trata-se da representação de um sentimento, a inveja, que se desfaz quando o casal volta a estar no centro das atenções, superando o ostracismo.
- e) Trata-se da utilização de uma história narrada para evidenciar o olhar do cronista sobre a passagem do tempo e sobre a alternância nos momentos da vida.

22- Considerando a atitude da senhora com a criada, relatada no penúltimo parágrafo da crônica “Uma senhora de sorriso triste”, de Rubem Braga, é correto afirmar:

- a) É uma demonstração de amor e reconhecimento da patroa com os que a cercam.
- b) É o reflexo do bem-estar da senhora com a nova fase experimentada pelo casal, após a reconquista da fama e dos amigos.
- c) É um gesto percebido pelo cronista como sinal da permanência da melancolia da patroa, que não é seduzida pelas novas homenagens.
- d) É uma ação condenada pelo cronista pela manifestação de revolta diante dos novos amigos e de superioridade diante de subalternos.
- e) É uma confirmação da interpretação do cronista, na fase anterior da vida da personagem, em que a melhor caracterização para a senhora seria a arrogância.

Leia o poema a seguir.

“Alma minha gentil, que te partiste
tão cedo desta vida descontente,
repousa lá no Céu eternamente,
e viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento etéreo, onde subiste,
memória desta vida se consente,
não te esqueças daquele amor ardente
que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que pode merecer-te
alguma cousa a dor que me ficou
da mágoa sem remédio de perder-te,

roga a Deus, que teus anos encurtou,
que tão cedo de cá me leve a ver-te,
quão cedo de meus olhos te levou.”

(CAMÕES, Luís de. *Rimas*. Coimbra: Atlântida, 1973. p. 156.)

23- Em relação ao poema, é correto afirmar:

- a) Através do uso freqüente de palavras referentes ao sentido da visão, o eu lírico afirma que o seu amor é essencialmente corporal, físico, e que, portanto, termina com a morte.
- b) O eu lírico dirige-se à sua amada, lamentando a precoce morte dela e pedindo-lhe que interceda junto a Deus para que os dois possam, em breve, estar juntos novamente.
- c) O poema exprime a fugacidade do amor espiritual por meio de uma linguagem romântica, como era próprio do estilo clássico.
- d) O eu lírico expressa de forma direta a impossibilidade de realização do amor espiritual ou físico com a sua amada, após a morte.
- e) O eu lírico evoca a memória de sua amada para recordar os encontros amorosos que tiveram quando jovens.

As questões 24 e 25 referem-se ao texto a seguir.

Metáfora
Uma lata existe para conter algo
Mas quando o poeta diz lata
Pode estar querendo dizer o incontível
Uma meta existe para ser um alvo
Mas quando o poeta diz meta
Pode estar querendo dizer o inatingível

Por isso não se meta a exigir do poeta
Que determine o conteúdo em sua lata
Na lata do poeta tudo-nada cabe
Pois ao poeta cabe fazer
Com que na lata venha a caber
O incabível

Deixe a meta do poeta não discuta
Deixe a sua meta fora da disputa
Meta dentro e fora lata absoluta
Deixe-a simplesmente metáfora

(GILBERTO GIL, LP *Um banda um*, gravadora WEA, 1982.)

24- O texto de Gilberto Gil é dissertativo porque:

- A seqüência cronológica de suas partes esclarece o conjunto dos acontecimentos nele relatados.
- Analisa, de modo genérico e atemporal, a natureza da atividade do poeta.
- As ações relatadas representam transformações na situação de personagens particularizados.
- Dados como tempo e lugar estão ocultos, mas podem ser resgatados através do contexto histórico.
- Há relação de anterioridade e posterioridade entre as ações relatadas.

25- Com base no texto, é correto afirmar:

- Deve-se permitir ao poeta a expressão livre, que foge aos limites do convencional.
- É inaceitável que um poeta faça versos para criticar os costumes da sociedade.
- A natureza do ofício do poeta leva-o a evitar o exercício da linguagem metafórica.
- É inadequado o paralelismo entre a linguagem poética e figuras como “lata” ou “meta”.
- Na linguagem poética, predomina a busca da clareza e da objetividade.

As questões 26 e 27 referem-se ao texto a seguir.

“No convívio com as cerca de 20 crianças que participam da confecção do *Boquinho*, a jornalista Rosina Duarte constatou que, em meio à enorme diversidade de casos, parece haver só uma regra: ‘O tratamento tem de ser individualizado. Não se pode estabelecer uma linha para todo mundo’. A conclusão é a mesma a que chegou o coordenador do Movimento dos Meninos e Meninas de Rua de Porto Alegre, Luís Antonio Ryzewski. Para ele, é impossível, numa instituição com dezenas de crianças ou adolescentes, estabelecer o tipo de relacionamento de que eles necessitam. ‘Eles são iguaizinhos aos nossos filhos, querem limite e afeto’, diz Rosina. Ryzewski nota que, na relação entre os adolescentes e os educadores, há pouca exigência de contrapartida e respeito. ‘Se eles são desrespeitosos e não acontece nada, eles se tornam hostis’, diz Ryzewski. ‘Queremos que eles sejam normais, como os garotos que têm família. Se meu filho não tiver pressão, não vai acordar às 6h30 para ir à escola’, conclui. A psicóloga Lirene Finkler, do Acolhimento Noturno, argumenta que uma coisa são os pais, que têm uma história com seus filhos, fazerem exigências e imporem sanções. Outra é um desconhecido. A criança ou adolescente não terá por que confiar nele e ele a perderá.

(O Estado de São Paulo, São Paulo, 27 jul. 2003. p. C3.)

26- Com base no texto, é correto afirmar:

- Ryzewski acredita que a periculosidade dos jovens atendidos na instituição que coordena é fruto do excesso de sanções impostas.
- Ryzewski observa que a imposição de limites e sanções a crianças e adolescentes de rua deve ser evitada, uma vez que eles podem se tornar hostis.
- Finkler afirma ser necessário que as instituições que atendem crianças e adolescentes de rua imponham exigências e sanções do mesmo modo que qualquer pai o faria.
- Finkler adverte sobre o perigo de se imporem sanções a crianças e adolescentes, sem levar em conta a necessária confiança que possam depositar em quem interage com eles.
- Ryzewski e Finkler compartilham da crença na educação de crianças e adolescentes de rua com base na ausência de limites.

27- Considere os fragmentos transcritos a seguir.

- “Eles são iguaizinhos aos nossos filhos, querem limite e afeto.”
- “Se meu filho não tiver pressão, não vai acordar às 6h30 para ir à escola.”
- “[...] uma coisa são os pais fazerem exigências e imporem sanções. Outra é um desconhecido.”

É correto afirmar que os fragmentos apresentam, respectivamente, os seguintes recursos de argumentação:

- concessão, proporcionalidade, causa-conseqüência.
- repetição, concomitância, proporcionalidade.
- concomitância, concessão, repetição.
- comparação, condição, constraste.
- constraste, comparação, causa-conseqüência.

As questões 28 e 29 referem-se ao texto a seguir.

“Até o século 15 pouco se sabia sobre a estrutura e o funcionamento interno do corpo humano. Gregos e romanos já haviam se voltado para a análise minuciosa do que Platão chamou de ‘morada da alma’, mas o estudo da anatomia pouco avançara da Antigüidade à Renascença. Envoltos por tabus, superstições e proibições religiosas, a investigação empírica do corpo pela dissecação foi encarada como repugnante e profanadora. Foi preciso esperar pelos artistas e médicos renascentistas. Eles se debruçaram sobre corpos sem vida buscando no ideal estético/humanista enxergar a anatomia como disciplina científica. Retiraram o véu de sacralidade que cobria o corpo do homem e abriram caminho para a ciência moderna [...]”

(FERRARI, Ana Claudia. *Scientific American Brasil*, ano 2, n.13, p. 94, jun.2003.)

28- Segundo o texto, é correto afirmar:

- Durante a Antigüidade, foram feitos os mais significativos avanços no campo dos estudos de anatomia.
- No período da Renascença, a dissecação era considerada tabu pelos artistas e médicos.
- Desde Platão, a dissecação de cadáveres era considerada disciplina científica.
- Os filósofos se debruçaram sobre as superstições religiosas criadas pelos artistas e médicos renascentistas.
- Até a Renascença, a investigação empírica do corpo era considerada uma profanação.

29- Quanto aos recursos lingüísticos utilizados no texto, é correto afirmar:

- a) O emprego de diferentes tempos do pretérito do indicativo contribui para a coerência temporal dos fatos relatados.
- b) A preferência do autor por formas do infinitivo pessoal dos verbos acentua a força argumentativa do texto.
- c) O emprego do advérbio “já”, na segunda linha, indica que antes dos artistas e médicos renascentistas, não haviam sido realizados estudos sobre o corpo humano.
- d) A conjunção “mas”, na quarta linha, inicia oração que estabelece sua concomitância em relação à proposição anterior.
- e) A recorrência do pronome “se” revela uma visão arbitrária do autor em relação aos acontecimentos descritos.

As questões 30 e 31 referem-se aos dois poemas a seguir.

Poema A

Lembranças do Losango Cáqui

Meu Deus como ela era branca!...

Como era parecida com a neve...

Porém não sei como é a neve,

Eu nunca vi a neve,

Eu não gosto da neve!

E eu não gostava dela...

(ANDRADE, Mário de. *Poesias completas*. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980. p. 122.)

Poema B

Necrológio dos desiludidos do amor

Os desiludidos do amor

estão desfechando tiros no peito.

Do meu quarto ouço a fuzilaria.

As amadas torcem-se de gozo.

Oh quanta matéria para os jornais.

Desiludidos mas fotografados,

escreveram cartas explicativas,

tomaram todas as providências

para o remorso das amadas.

Pum pum pum adeus, enjoada.

Eu vou, tu ficas, mas nos veremos

seja no claro céu ou turvo inferno.

Os médicos estão fazendo a autópsia

dos desiludidos que se mataram.

Que grandes corações eles possuíam.

Vísceras imensas, tripas sentimentais

E um estômago cheio de poesia...

Agora vamos para o cemitério

levar os corpos dos desiludidos

encaixotados competentemente

(paixões de primeira e de segunda classe).

Os desiludidos seguem iludidos,

sem coração, sem tripas, sem amor.

Única fortuna, os seus dentes de ouro

não servirão de lastro financeiro

e cobertos de terra perderão o brilho

enquanto as amadas dançarão um samba

bravo, violento, sobre a tumba deles.

(ANDRADE, Carlos Drummond de. *Nova Reunião*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983. p. 58-59.)

30- Sobre os poemas, considere as afirmativas a seguir.

- I. **O poema B possui diversos termos e expressões com efeito sarcástico, como “fuzilaria” e “tripas sentimentais”; já o poema A explora o sarcasmo gradativamente a partir da repetição do termo “neve” e de sua desvalorização.**
- II. **Ambos os poemas desenvolvem uma ironia dirigida ao amor romântico, vulgarizando e dessacralizando o sentimento.**

III. **Ambos os poemas reafirmam procedimentos românticos como a admiração por mulheres brancas (no poema A), o suicídio por amor (no poema B) e idealizações (em ambos).**

IV. **Ambos os poemas apresentam concepções modernistas, sobretudo no que se refere à irreverência no trato com a temática amorosa.**

Estão corretas apenas as afirmativas:

- a) I, II e IV.
- b) I, III e IV.
- c) I e II.
- d) II e III.
- e) III e IV.

31- Sobre as mulheres focalizadas nos dois poemas, é correto afirmar:

- a) Sofrem com o desdém manifestado pelos homens em ambos os poemas, embora no poema A esse desdém se manifeste sutilmente.
- b) São enfocadas a partir da perspectiva predominante entre os escritores da época, caracterizada pela sátira aos excessos sentimentalistas.
- c) Caracterizam-se pelo remorso, sentimento determinado, no poema B, pelo desfecho trágico que os desiludidos do amor dão às vidas deles e delas.
- d) Dividem espaço, em ambos os poemas, com homens inconseqüentes, dispostos a amores fugazes.
- e) São enaltecidas por conciliarem a fidelidade aos desígnios da ordem masculina sem abdicar da cumplicidade própria da alma feminina.

32- Sobre a forma encontrada por Eça de Queirós, no romance *O primo Basílio*, para criticar a sociedade burguesa de Lisboa, é correto afirmar:

- a) A crítica encontra-se espalhada por todo o romance, presente nos comentários do narrador e na forma de pensar e agir das personagens.
- b) A crítica se faz presente nas reflexões realistas da personagem Luísa sobre o seu casamento e sua posição na sociedade.
- c) Juliana é a personagem responsável pela crítica do escritor à sociedade, ao revelar para Jorge que sua mulher o traía.
- d) A crítica aparece nos debates dos grupos políticos de Lisboa que freqüentam as igrejas protestantes da cidade e nos discursos da personagem do Conselheiro Acácio.
- e) Basílio é a personagem que representa a crítica aos valores burgueses, visto que se posiciona a favor da liberdade amorosa dos casais.

33- Com base no romance *Inocência*, de Visconde de Taunay, é correto afirmar:

- a) Embora possa ser classificado como um romance regionalista, é marcado pela linguagem lusitana, afastando-se dos vocábulos e expressões regionais, muito freqüentes nas obras regionalistas românticas.
- b) Opõe o homem do sertão, Pereira, ao homem da cidade, o alemão Meyer, desvalorizando os costumes rurais, vistos estes como a causa do atraso social das regiões menos povoadas do país, como o Mato Grosso.
- c) A personagem Inocência encarna a figura da heroína romântica revoltada, na medida em que é consciente da situação de opressão e submissão em que vive, debatendo-se agonicamente contra as decisões sobre seu destino impostas pelo pai.
- d) Não obstante a história romântica protagonizada por Cirino e Inocência, observa-se certa visão realista, sobretudo na descrição precisa e detalhada dos costumes sertanejos.
- e) O sertão é retratado como um ambiente selvagem e agreste, em nada acolhedor para o homem, o qual não consegue se adaptar às adversidades do meio que habita, como fica evidenciado no primeiro capítulo do romance.

34- Sobre o romance *Senhora*, de José de Alencar, considere as afirmativas a seguir.

- I. Perpassa o romance uma linguagem metafórica, cujo intuito é criar um mundo de sonho e fulgor, onde transitam os protagonistas Aurélia e Seixas, não obstante a crítica social que comporta.
- II. O romance é ordenado em torno de um longo duelo, com cenas de avanço e recuo, com diálogos de pressões e concessões, o que marca, no plano da estrutura da obra, o mecanismo de compra e venda no qual se acham envolvidos os protagonistas.
- III. A protagonista, Aurélia, escapa ao padrão de personagem feminina romântica, pois revela-se uma mulher forte e decidida, que age de forma racional em todas as circunstâncias de sua vida, jamais se deixando levar pelos sentimentos.
- IV. Dentro da produção romanesca de José de Alencar, *Senhora* caracteriza-se como uma obra que expressa a idealização das virtudes e o heroísmo das personagens, uma vez que os conflitos são apenas de ordem sentimental, não figurando as desarmonias geradas no âmbito da convivência social.
- V. Influenciado pelo pensamento positivista e cientificista que dominava a época, final do século XIX, o romance mostra personagens cujos comportamentos são atribuídos à ação do meio em que vivem e à herança genética.

Estão corretas apenas as afirmativas:

- a) I e II.
- b) I e III.
- c) II e IV.
- d) I, IV e V.
- e) III, IV e V.

35- Embora sejam romances que pertençam a estéticas literárias diferentes, *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, publicado em 1890, e *Fogo Morto*, de José Lins do Rego, publicado em 1943, aproximam-se por um aspecto semelhante.

- a) Ambos são divididos em três partes que não estão ligadas rigorosamente por uma unidade, o que caracteriza os dois romances como verdadeiros conjuntos de contos regionalistas.
- b) Tanto Capitão Vitorino (*Fogo Morto*) como João Romão (*O Cortiço*) têm suas lutas pautadas pelo desejo de justiça e de progresso do ambiente em que vivem.
- c) As duas narrativas tratam da questão do processo industrial que suplanta a produção artesanal; o cortiço representa a industrialização que surge no Rio de Janeiro, e o Engenho Santa Fé, a resistência ao processo industrial que se instalava na zona da mata da Paraíba.
- d) Tanto Aluísio Azevedo quanto José Lins do Rego trabalham o espaço ficcional como o causador das mazelas de seus protagonistas João Romão e Capitão Vitorino.
- e) O homem e a realidade são abordados, nos dois romances, de forma realista, seja pelo viés naturalista em Aluísio Azevedo, seja pelo viés do realismo crítico em José Lins do Rego.

36- A rememoração é um procedimento constante na obra de Guimarães Rosa. Em *Grande Sertão: Veredas*, por exemplo, Riobaldo, o protagonista-narrador, em situação de diálogo com um interlocutor que não se manifesta na narrativa, rememora seu passado de jagunço. As lembranças jorram, manifestando-se de maneira saudosa. De acordo com esse comentário, assinale a alternativa correta quanto ao livro de contos *Sagarana*, de Guimarães Rosa.

- a) Em “O burrinho pedrês”, depara-se o leitor com um narrador a dialogar com um interlocutor “mudo”. Conta a esse interlocutor a história de Sete-de-Ouros, burrinho já velho que consegue realizar seu maior feito pouco antes de sua morte.

- b) Em “A hora e vez de Augusto Matraga”, o narrador-protagonista conta a seu interlocutor a história de sua vida: sua passagem de coronel irresponsável a penitente preocupado com o bem-estar da comunidade.
- c) Em “Sarapalha”, Primo Argemiro e Primo Ribeiro conversam para passar o tempo. O passado vem à tona e acaba causando desentendimento entre os parceiros. As lembranças são impregnadas de afeto.
- d) Em “Sarapalha”, Primo Argemiro rememora o passado e Primo Ribeiro não. Este último, marido traído, não quer posicionar-se frente ao vivido, preferindo falar de sua nova aventura amorosa.
- e) Em “A hora e vez de Augusto Matraga”, quem conta a história é um narrador em terceira pessoa. Reproduz o relato de Dionora, esposa do protagonista, que, saudosa do marido morto, reconstrói sua vida.

As questões 37 e 38 referem-se aos textos a seguir.

“A compra de armas pelo cidadão comum deve ser proibida?”

Edson Luiz Ribeiro, juiz de direito aposentado, responde NÃO:

‘Não. O direito à legítima defesa da vida e da integridade física, pessoal ou de terceiros, e do patrimônio é reconhecido por todas as religiões, civilizações e legislações há milênios; é um direito natural, inerente ao ser humano. [...] A lei reconhece a legítima defesa e procura, acertadamente, garantir o acesso ao instrumento de defesa; se privado dos instrumentos adequados, o direito à legítima defesa virará letra morta. Na situação atual de violência, o instrumento é a arma de fogo. Em um Estado democrático de direito nenhum cidadão que atenda os requisitos legais pode ser impedido de, com a utilização dos meios adequados e necessários, defender a vida e a integridade física de sua pessoa e de seus familiares e os seus bens. Ademais, o desarmamento compulsório das pessoas idôneas em nada contribuirá para a diminuição dos índices de criminalidade, pois até as pedras de nossas ruas sabem que a quase totalidade dos crimes é praticada por bandidos, geralmente reincidentes, com armas ilegais que não serão entregues; os cidadãos de bem não se armam para cometer crimes, e sim para se defender. A questão é simples: é preciso desarmar e punir os criminosos, não os cidadãos honestos.’

Dalmo de Abreu Dallari, advogado e professor de direito, responde SIM:

‘Sim. Estou convencido de que, em benefício da segurança de todo o povo, o comércio de armas deveria ser bastante restringido e rigorosamente controlado. Todos os argumentos usados, pelos meios de comunicação e no Congresso Nacional, em favor da ampla liberdade na venda e compra de armas procuram esconder o verdadeiro e real objetivo, que é o comércio de armas, altamente lucrativo e causa das maiores tragédias sociais e individuais da humanidade. É absolutamente falso dizer que o comércio deve ser livre para dar segurança aos cidadãos honestos, pois quem tem o dever legal de dar segurança ao povo é o governo, que recebe impostos e tem gente treinada para executar essa tarefa, estando realmente preparado para enfrentar criminosos. Se os organismos policiais são deficientes, o caminho é a mobilização de toda a sociedade exigindo eficiência - e não a barbárie da autodefesa, que fatalmente acaba gerando os justiceiros privados, arbitrários e violentos, não trazendo nenhum benefício para os que não têm dinheiro para comprar armas sofisticadas nem vocação para matadores. Não me parece necessário chegar ao extremo da proibição, mas a venda de armas aos cidadãos deveria ser restringir a casos excepcionais, definidos em lei.’

(Folha de S. Paulo, São Paulo, 04 jun. 2000. “Tendências e Debates”, p. A3.)

37- Com base nos textos, é correto afirmar:

- a) Para o primeiro especialista, a garantia do direito à segurança exige restrições de acesso a armas; para o segundo, porém, a posse das mesmas representa um direito a ser defendido em lei, por assegurar a legítima defesa do cidadão.
- b) Os especialistas polemizam quanto à forma de combate à criminalidade: enquanto o primeiro propõe a pena de morte para certos tipos de crime, o segundo é contra a pena de morte no Brasil.
- c) Embora ambos os especialistas defendam que se deve proporcionar aos cidadãos o direito à segurança, divergem quanto ao tipo de restrição que deve ser feita para que se garanta esse direito a todos.
- d) Para um dos especialistas, deve-se impedir o acesso dos cidadãos mais pobres às armas, enquanto que, para o outro, a autodefesa deve ser considerada ilegal.
- e) O primeiro especialista propõe o desarmamento e a punição dos criminosos, enquanto que o segundo propõe que seja permitido às pessoas enfrentar diretamente os criminosos.

38- Sobre as respostas dos especialistas, é correto afirmar:

- a) Na expressão “*é preciso desarmar e punir os criminosos, não os cidadãos honestos*”, da primeira resposta, a vírgula separa duas asserções que mantêm uma relação de causalidade entre si.
- b) Na segunda resposta, os advérbios “*rigorosamente*”, “*altamente*” e “*absolutamente*” associam-se diretamente a verbos para intensificar-lhes os sentidos.
- c) Na frase “[...] *mas a venda de armas aos cidadãos deveria se restringir a casos excepcionais, definidos em lei*”, da segunda resposta, há uma generalização quanto àqueles que poderiam comprar armas, contradizendo a opinião de seu enunciador, Dalmo Dallari.
- d) Na primeira resposta, o ponto de vista do autor, favorável à permissão da compra de armas pelo cidadão comum, fundamenta-se em argumentos ligados pelo conector “*además*”.
- e) Na segunda resposta, o uso do pronome demonstrativo “*os*” na passagem: “[...] *não trazendo nenhum benefício para os que não têm dinheiro*” garante a retomada do termo “*justiceiros privados*”.

As questões 39 e 40 referem-se ao texto a seguir, publicado numa coluna semanal da revista *Veja* que responde consultas de leitores.

Pergunta do leitor: “A falta do trema é um erro ortográfico?”

“Embora muitos o julguem aposentado, o trema faz parte do sistema ortográfico vigente, explicam os professores Pasquale Cipro Neto e Odilon Soares Leme, ambos estrelas de programas que tratam da língua portuguesa no rádio. O trema serve para indicar a pronúncia específica do ‘u’ em ‘qüe’, ‘qüi’, ‘güe’ e ‘güi’. É por isso que ‘guerra’ não tem trema, e ‘agüentar’, sim. O acordo de unificação ortográfica entre os países de língua portuguesa elaborado em 1990 prevê a eliminação do trema, mas até hoje não entrou em vigor porque algumas nações africanas ainda não o ratificaram.” (Pergunte ao guia, *Veja*, São Paulo, p. 104, 13 ago. 2003.)

39- Considere a segmentação da resposta do guia apresentada a seguir e assinale a seqüência correta em que está estruturada:

- I. “Embora muitos o julguem aposentado”
- II. “o trema faz parte do sistema ortográfico vigente”
- III. “explicam os professores Pasquale Cipro Neto e Odilon Soares Leme, ambos estrelas de programas que tratam da língua portuguesa no rádio”
- IV. “O trema serve para indicar a pronúncia específica do ‘u’ em ‘qüe’, ‘qüi’, ‘güe’ e ‘güi’”
- V. “É por isso que ‘guerra’ não tem trema, e ‘agüentar’, sim”
- VI. “O acordo de unificação ortográfica entre os países de língua portuguesa elaborado em 1990 prevê a eliminação do trema, mas até hoje não entrou em vigor porque algumas nações africanas ainda não o ratificaram”

- a) I - Expressão de uma causa; II - Expressão de uma consequência; III - Justificativa da questão inicial; IV - Definição da função do trema; V - Explicação da função por meio de exemplos; VI - Expressão de um argumento de autoridade.
- b) I - Expressão de uma concessão; II - Segmento afirmativo; III - Expressão de um argumento de autoridade; IV - Definição da função do trema; V - Explicação da função por meio de exemplos; VI - Justificativa da questão inicial.
- c) I - Expressão de uma consequência; II - Expressão de uma causa; III - Expressão de um argumento de autoridade; IV - Definição da função do trema; V - Justificativa da questão inicial; VI - Segmento afirmativo.
- d) I - Expressão de uma concessão; II - Expressão de uma causa; III - Justificativa da questão inicial; IV - Definição da função do trema; V - Expressão de uma concessão; VI - Expressão de um argumento de autoridade.
- e) I - Expressão de uma causa; II - Segmento afirmativo; III - Expressão de uma concessão; IV - Definição da função do trema; V - Explicação da função por meio de exemplos; VI - Segmento afirmativo.

40- Assinale a alternativa que reproduz o último período do texto sem alterar-lhe o sentido.

- a) Ainda que o acordo de unificação ortográfica entre os países de língua portuguesa tenha sido ratificado em 1990, a eliminação do trema está em vigor em palavras como “agüentar”, onde indica a pronúncia específica do “u”.
- b) Algumas nações africanas ainda não ratificaram o acordo de unificação ortográfica entre os países de língua portuguesa, elaborado em 1990, que prevê a eliminação do trema, apesar de este já estar em vigor.
- c) A ratificação do acordo de unificação ortográfica entre os países de língua portuguesa está suspensa apenas nas nações da África em que continua em vigor o uso do sinal de trema em “qüe”, “qüi”, “güe” e “güi”.
- d) A ratificação do acordo de unificação ortográfica entre os países de língua portuguesa, elaborado há mais de dez anos e que prevê a eliminação do trema, impede sua vigência em algumas nações africanas.
- e) Não entrou até hoje em vigor o acordo de unificação ortográfica entre os países de língua portuguesa elaborado em 1990 que prevê a eliminação do trema, em virtude de algumas nações africanas ainda não o terem ratificado.